

## COOPERATIVISMO NA ONU E NO NOBEL

**\*Roberto Rodrigues**

Este ano de 2012 foi declarado pela Organização das Nações Unidas – ONU – como o Ano Internacional do Cooperativismo. É uma grande conquista deste importantíssimo mecanismo de organização econômica da sociedade, assim como o sindicalismo é o seu braço político.

Porque razão a ONU estaria prestando tão expressiva homenagem ao movimento cooperativista?

Embora a doutrina cooperativa (cujo conceito fundamental é o de “corrigir o social através do econômico”) seja muito antiga e venha sendo estudada há alguns séculos, as cooperativas só tiveram sucesso e se firmaram como empresas competitivas após a Revolução Industrial ocorrida na Europa em meados do século XIX.

Porque só então? A Revolução Industrial, que mostrou mais claramente as diferenças entre as classes sociais, produziu duas consequências desastrosas para o equilíbrio das sociedades: por um lado, excluiu milhares de trabalhadores - substituídos pelas máquinas operatrizes - gerando um grande desemprego; e, por outro lado, concentrou riquezas nas mãos daqueles poucos que, por quaisquer circunstâncias tinham conseguido o capital necessário para montar indústrias.

Os excluídos se juntaram em uma cooperativa de consumo, – e isso começou em Rochdale, pequena cidade do interior da Inglaterra, perto de Manchester – com a idéia de que, comprando junto, teriam mais escala e comprariam mais barato. O projeto deu certo, foi se replicando pelo país todo, depois pela Europa e por fim ganhou o mundo, estando presente hoje em praticamente todos os países.

Ao combater a exclusão social e a concentração de riqueza o movimento cooperativista passou, de forma indireta, a ser um aliado da democracia e da paz, na medida em que estes fundamentos não se sustentam onde imperam aquelas condições. E governos democráticos ao redor do mundo apoiaram o cooperativismo, admitindo ser este movimento um formidável aliado para o desenvolvimento harmonioso dos povos, uma vez que seus objetivos são os mesmos difundidos pelos verdadeiros democratas.

Os 7 princípios cooperativistas, hoje aceitos globalmente e defendidos pela Aliança Cooperativa Internacional (órgão de cúpula do movimento), são todos baseados nos mesmos valores que a democracia incorpora: igualdade de oportunidades, distribuição de renda, segurança alimentar e do alimento, defesa do meio ambiente, pleno emprego e empregos cidadãos, educação e saúde para todos, enfim, as bandeiras da democracia e do cooperativismo são extremamente afinadas.

E a defesa da paz está no DNA de ambos.

Ocorre, adicionalmente, que no mundo existe atualmente quase 1 bilhão de associados ao cooperativismo em todos os continentes. Se cada um deles tiver mais 3 agregados, isso representa 4 bilhões de pessoas ligadas a uma única doutrina: talvez nenhuma religião tenha tamanha expressão numérica em

termos de adeptos ou seguidores. Isso faz do cooperativismo o maior contingente humano do planeta trabalhando de forma articulada em prol da paz e da democracia.

Isso é mais do que suficiente para justificar a importante homenagem que o movimento internacional recebe da ONU. E este galardão terá, sem dúvidas, desdobramentos muito positivos para o movimento e para a própria doutrina. As celebrações ocorrerão globalmente, sempre centradas no primeiro sábado de julho, que é reconhecido como o Dia Internacional do Cooperativismo.

Um exemplo relevante: o novo Diretor Geral da FAO, o ex Ministro José Graziano da Silva, vai criar um setor do cooperativismo na sua poderosa instituição. Ele reconhece que as cooperativas podem ser um precioso instrumento para o desenvolvimento agrícola dos países mais atrasados, na África, na Ásia e na América Latina. E tem razão.

E nós, a quantas andamos? Como está o cooperativismo brasileiro neste cenário todo?

Ele vem crescendo bastante, impulsionado pelo firme timão da OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras.

Muita gente acredita que este poderoso movimento seja exclusivamente agrícola, o que é um engano. Os números a este respeito são notáveis, e mostram como ele se expandiu na área urbana. Há 10 anos, o Brasil tinha 5903 cooperativas, das quais 1411 eram rurais, com 831.654 associados. Cerca de 2067 eram urbanas, com 2.493.197 associados. No último levantamento da OCB, de dezembro de 2010, as cooperativas urbanas já eram 2953, com 3.816.026 associados, e as agrícolas eram 1548, com 943.054 de associados.

As cooperativas urbanas atuam nas áreas de consumo, educação, habitação, infra-estrutura, produção, saúde, transporte, turismo e especial (para pessoas com deficiência). E, além das rurais e urbanas, existem as cooperativas de crédito, em número de 1064, com mais de 4 milhões de associados, a grande maioria urbanos, embora a área rural ainda tenha maior poder econômico. Também as cooperativas de trabalho, 1024 no total, são majoritariamente urbanas, com seus 217 mil associados, mas algumas funcionam no campo também.

O número das que são apenas agropecuárias cresceu 35% nestes 10 anos, e as exclusivamente urbanas, 42%. Mas o número de associados destas aumentou 53% enquanto o das agropecuárias, só 13%.

É claro que a urbanização crescente do Brasil tem muito a ver com isso, mas não é o único fator responsável.

Uma cooperativa precisa de 3 condições básicas para se desenvolver de maneira positiva: em primeiro lugar, precisa ser necessária. Não adianta nada querer criar uma cooperativa de qualquer tipo se ela não for sentida, pelos futuros cooperados, como uma necessidade, capaz de responder às pressões econômicas a que estão submetidos. Cooperativismo é um movimento de base, tem que crescer de baixo para cima, não pode ser imposto. Em segundo lugar, precisa ser viável economicamente: cooperativa é uma empresa, com a diferença que o lucro não é o fim em si; ela é o instrumento da doutrina cooperativista que objetiva “corrigir o social através do econômico”. Portanto, a

cooperativa oferece ao seu cooperado - de qualquer ramo - serviços que lhe permitam evoluir economicamente e, por conseguinte, acessar novos níveis sociais. Mas, mesmo assim, é uma empresa - com seu viés social, é claro -, tem que ser eficiente e lucrativa. Por isso tudo, criar uma cooperativa sem nenhum capital é vê-la nascer morta. E por fim, em terceiro lugar, é preciso que haja espírito associativo, com liderança capaz de conduzir o processo.

Ora, a rápida urbanização do país trouxe para as cidades demandas estruturais, tendo em vista melhorar a renda dos cidadãos. Estes se organizaram então em cooperativas de trabalho, de consumo, de saúde, de educação, de habitação, de crédito, etc, e o movimento ganhou uma dimensão tão espetacular quanto o que aconteceu em outros países do mundo pelas mesmas razões. Tudo isso foi potencializado pelo vigoroso processo de globalização da economia que produziu exclusão social e concentração da riqueza, dois inimigos mortais da democracia e da paz. Os excluídos se agruparam em cooperativas e com isso também mitigaram a concentração, transformando-se em bastiões aliados dos governos democráticos pela sustentação da paz. Aqui e no mundo todo.

Ora, dadas todas estas condições, porque não almejar também para o cooperativismo o Prêmio Nobel da Paz?

Nada seria mais justo do que isso. Outras instituições já receberam a distinção, como os Médicos sem Fronteiras, por exemplo, aliás, muito justo também.

É este o momento oportuno e adequado.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**

ESPAÇO CITRICOLA - 04/2012 - COOPERATIVISMO NA ONU E NO NOBEL